Capítulo I — Maneira de estudar a religião

A religião é um fato, um fato de imenso amor, que abraça toda a duração das idades. Nascida com o homem, estende-se desde o instante da criação até o último dia do mundo: aí mesmo não termina. Sobrevivendo sozinha à última catástrofe, continua seu reinado glorioso durante os séculos sem fim da eternidade. *«Jesu Christo era hontem, e he hoje: o mesmo tambem será por todos os seculos»*[1].

Eis por que Santo Agostinho, interrogado por um diácono de Cartago sobre a melhor maneira de estudar e ensinar a religião, lhe responde com seu admirável tratado: *De catechizandis rudibus*[2].

> *A verdadeira maneira de ensinar a religião, diz o grande bispo de Hipona, é remontar a estas palavras: No princípio criou Deos o Ceo, e a Terra, e desenvolver toda a história do cristianismo até os nossos dias. Não que seja preciso relatar de ponta a ponta tudo o que está escrito no Antigo e no Novo Testamento: isso não é nem possível nem necessário. Fazei um resumo; insisti mais no que vos parece mais importante e passai ligeiramente sobre todo o resto. Dessa maneira não cansareis aquele cujo ardor quereis despertar para o estudo da religião, e não sobrecarregareis a memória daquele que deveis instruir.*

> *Ora, para mostrar toda a sequência da religião, lembrai-vos de que o Antigo Testamento é a figura do Novo; de que toda a religião mosaica, os patriarcas, sua vida, suas alianças, seus sacrifícios são outras tantas figuras do que vemos; de que o povo judeu inteiro e seu governo não são mais que um grande profeta de Jesus Cristo e da Igreja*[3].

Tal deve ser, segundo Santo Agostinho, o ensino da letra da Religião. Quanto ao espírito, o santo doutor, fiel intérprete do divino Mestre, faz que consista no amor de Deus e do próximo. Eis as suas notáveis palavras:

> *Começareis, pois, vossa narrativa pela criação de todas as coisas em estado de perfeição, e a continuareis até os tempos atuais da Igreja. Vosso único fim será mostrar que tudo o que precede a Encarnação do Verbo tende a manifestar o amor de Deus no cumprimento desse mistério. O próprio Cristo, imolado por nós, que nos ensina ele? Senão o imenso amor que Deus nos testemunhou ao dar-nos seu próprio Filho.*

> *Mas se, de um lado, o fim principal que o Verbo se propôs ao vir à terra foi ensinar ao homem quanto é amado por Deus, e se esse conhecimento mesmo não tem outro objetivo que acender no coração do homem o amor de um Deus que o amou primeiro e o amor do próximo, de que esse mesmo Deus veio dar o preceito e o exemplo; se, de outro lado, toda a Escritura anterior a Jesus Cristo tem por fim anunciar sua vinda, e se toda a que lhe é posterior só fala do Cristo e da caridade, não é evidente que não somente a Lei e os Profetas, mas também todo o Novo Testamento se reduzem a estes dois grandes preceitos: o amor de Deus e o amor do próximo?*

> *Dareis, pois, razão de tudo o que relatardes; explicareis a causa e o fim de todos os acontecimentos pelo amor, de sorte que essa grande ideia esteja sempre diante dos olhos do espírito e do coração. Sendo esse duplo amor de Deus e do próximo o termo a que se refere tudo o que tendes a dizer, narrai de maneira que vossa narrativa conduza o ouvinte à fé, da fé à esperança, da esperança à caridade[4].*

Deixando no limiar da eternidade a fé e a esperança, virtudes do tempo, entramos no céu com a caridade. Ali vemos essa Rainha única da imortal morada inundando seus bem-aventurados súditos de torrentes de luz e de torrentes de delícias e, por uma transformação acima de toda língua, enobrecendo-os em todas as partes de seu ser a ponto de torná-los semelhantes ao próprio Deus[5]. Então compreendemos os mistérios do tempo e o fim da vida; o homem sabe de onde vem, para onde vai; conhecemos a última palavra de todas as coisas e, tornando a descer à terra, exclamamos com o Apóstolo:

> *Porque eu tenho para mim, que as penalidades da presente vida não tem proporção alguma com a gloria vindoura que se manifestará em nós[6].*

Assim, a religião no tempo e na eternidade; a religião na obra da criação, na obra da redenção, na obra da glorificação; a religião em sua letra e em seu espírito: tal é o plano que vamos esboçar.

Notas

[1] Christus heri et hodie, ipse et in sæcula. — Hb 13, 8.

[2] Maneira de ensinar a religião aos ignorantes.

[3] Narratio plena est cum quisque primo catechizatur ab eo quod scriptum est, In principio creavit Deus cælum et terram, usque ad præsentia tempora Ecclesiæ. Non tamen debemus totum Pentateuchum totosque Judicum et Regum et Esdræ libros... narrando evolvere et explicare : quod nec tempus capit, nec ulla necessitas postulat ; sed cuncta summatim generatimque complecti, etc., etc. — Cap. III, n. 5 et seqq. Quapropter in veteri Testamento est occultatio novi, in novo Testamento est manifestatio veteris. — Id., n. 8. Denique universa ipsa gens totumque regnum prophetia Christi christianique regni. — Contra Faust., liv. 22 et passim.

[4] Hac ergo dilectione tibi tanquam fine proposito quo referas omnia quæ dicis, quidquid narras ita narra ut ille cui loqueris audiendo credat, credendo speret, sperando amet. — Santo Agostinho, De Catechiz. rud.

[5] Ibunt de virtute in virtutem. — Sl 83. — Similes ei erimus. — 1 Jo 3, 2.

[6] Non sunt condignæ passiones, etc. — Rm 8, 18.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:00 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:00 by Admin